

Internet e ensino de línguas: uma proposta de atividade utilizando vídeo disponibilizado pelo YouTube®

Anderson Carini
Maria Júlia Padilha Macagnan
Fabiana Diniz Kurtz
Universidade Regional do Noroeste do Estado
do Rio Grande do Sul

Resumo: *Este artigo é fruto do trabalho desenvolvido pelo projeto de extensão O Ensino de Línguas e a Ressignificação da Prática Docente, realizado por um grupo de professoras do Curso de Letras da UNIJUI, desde o ano de 2006. Trata-se de uma reflexão teórico-metodológica acerca do uso de novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) em sala de aula de línguas, uma vez que o acesso aos bens tecnológicos pode representar inclusão social e profissional. Tal reflexão desenvolve-se a partir de uma proposta didática elaborada para uma oficina com alunos de ensino médio utilizando um vídeo disponibilizado no site YouTube®. É importante que, enquanto professores de línguas e educadores, entendamos e exploremos junto a nossos alunos a forma como a tecnologia pode ser explorada também como elemento que facilita ou dificulta o acesso ao conhecimento e ao poder social. Acreditamos que o resultado será a aprendizagem significativa dos educandos e de todos os envolvidos no processo, pois quem ensina também aprende, desde que se predisponha a tal.*

Palavras-chave: *ensino de línguas; tecnologias da informação e comunicação; proposta didática; YouTube®.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O processo de ensino/aprendizagem de línguas vem sofrendo mudanças significativas, principalmente quanto aos aspectos envolvendo a prática pedagógica do professor. Desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) – documento que propõe uma abordagem sociofuncional e, portanto, contextualizada do ensino de línguas, por meio da perspectiva de gêneros textuais –, uma proposta reflexiva e inclusiva tem pautado o ensino de línguas (materna e/ou estrangeira), principalmente no que se refere à produção e implementação de material didático. Nesse contexto, o surgimento e utilização das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm proporcionado, ao professor – bem como a seus alunos –, o contato com uma nova gama de opções com relação a gêneros textuais que são típicos dessa esfera

comunicativa ou que, em seu processo evolutivo, migraram para novos suportes. Assim, consideramos que, além de dignas de investigação e aplicação pedagógica, tais tecnologias viabilizam pensar-se a inclusão digital a partir da ótica da cidadania, considerando-se que ler e escrever não são mais o único modo de letramento.

Estudos apontam que a existência e crescente utilização dos chamados “gêneros digitais”¹ exigem dos cidadãos aprendizagem de comportamentos e raciocínios específicos, de uma nova forma de letramento, chamada de “letramento digital” (Marcuschi; Xavier, 2004; Dionísio, 2005; Araújo; Biasi-Rodrigues, 2005; Araújo, 2007). Considerando que a educação passou a ser vista como elemento-chave na construção de uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e na aprendizagem, em uma sociedade dita letrada, os indivíduos necessitam também do letramento computacional e tecnológico para, de fato, agir nessa sociedade.

Conforme ressalta Dionísio (2005, p.159), o indivíduo letrado, em nossa sociedade, “deve ser uma pessoa capaz de atribuir sentido a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem”. Para a autora, a idéia de “multiletramento” parece vir ao encontro da dimensão envolvendo o que entendemos recentemente como letramento digital. Cabe então ao professor, consciente de seu papel na sociedade, trabalhar com urgência e consciência os novos gêneros (ou gêneros já existentes, porém, veiculados em diferentes suportes), a fim de capacitar seus alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio, cercado por máquinas eletrônicas e digitais (cf. Xavier, 2005).

Para o professor (em serviço ou em formação), ter conhecimento acerca de diferentes gêneros e clareza quanto à exploração destes em sala de aula podem ser elementos cruciais na inclusão social e profissional de seus alunos, uma vez já ser consenso a transformação gerada pela Internet, cujas conseqüências são inéditas (Kurtz, 2004). Certamente, a questão central é a reconstrução do papel da escola e,

¹ Segundo Machado (2007, p.121), gêneros digitais podem ser entendidos como “formas comunicativas processadas digitalmente ou pela via *on-line*, i.e. pela conexão e estrutura de redes dos computadores [...] que promovem uma outra ordem de contato com a civilização, um contato fundado numa experiência sensorial que, por mais paradoxal que possa parecer, é mediada pela virtualidade”.

conseqüentemente, do professor e do aluno, visto que novas posturas e novos conhecimentos estão sendo cada vez mais exigidos de educadores, em diversas áreas. É raro quem ainda não se ache sob a influência de algum tipo de comunicação informatizada (cf. Marcuschi, 2005). O intuito deste texto é, com base nessas questões, discutir aspectos relativos ao *site YouTube*[®], suporte eletrônico amplamente utilizado atualmente, apresentando uma proposta de atividade didática em aula de língua materna utilizando-se material veiculado no *site*.²

TECNOLOGIA E ENSINO DE LÍNGUAS

A incorporação de novas tecnologias à sala de aula é, atualmente, uma das questões centrais ao campo do ensino/aprendizagem de línguas (materna e/ou estrangeira). Nossa experiência tem evidenciado que muitos dos professores em atuação no magistério, em turmas de ensinos fundamental e médio, não tiveram uma formação que contemplasse a dimensão sociofuncional do ensino de línguas, especialmente por meio da exploração de diferentes gêneros textuais, e que evidenciasse a linguagem como uma prática social.

Na atualidade, é impensável ignorar o poder, o alcance e as possibilidades desses novos “artefatos digitais”, bem como sua instantânea sedução de crianças, jovens e adultos. Na sociedade do terceiro milênio, não podemos desconsiderar a “pressão” exercida pelas tecnologias, sabendo-se que são decisivas no mercado de trabalho e na sociedade como um todo. Cabe, então, ao professor interessado em aliar à sua prática o uso de novas ferramentas e TICs lembrar que a sua mediação didática precisa, mais do que nunca, ser inovadora, criativa e rigorosa. Ela precisa também ser alicerçada em teorias que subsidiem sua prática, ao mesmo tempo em que contemple aspectos do uso da língua(gem) significativos aos educandos, isto é, que explore situações autênticas, em contextos reais.

² Destacamos que as sugestões apresentadas e as discussões aqui realizadas não se restringem ao universo do ensino de língua portuguesa, podendo ser expandidas ao ensino de línguas em geral, uma vez que a concepção de linguagem, texto e discurso assumida neste texto não distingue (nem o poderia) tais práticas.

A informatização faz-se presente em nossa vida cotidiana tanto no interior de nossos lares, como na vida pública – supermercados, bancos, hospitais, escolas e meios de locomoção em geral. Assim, é crucial que o professor de línguas auxilie na formação e desenvolvimento do letramento digital de seus alunos, pois este é hoje, certamente, um fator decisivo de exclusão – ou inclusão – social. Conforme Marcuschi (2005, p.11) observa, “se até ontem parecia um luxo dedicar-se ao ensino dos usos da Internet, hoje é uma necessidade, pois esta tecnologia tornou-se irreversível e invasora de todos os ambientes”. Não obstante, segundo o autor, dada à complexidade com que essa questão surge, podemos constatar que, enquanto há enorme rapidez na transmissão e recepção de dados e informação, o mesmo não ocorre em relação à compreensão dessa tecnologia na área educacional e nas relações cotidianas. Essa realidade, segundo Marcuschi (*ibid.*, p.12), abre um leque de discussões e amplia linhas de estudos relevantes à sociedade contemporânea, uma vez que a atividade digital pode ser verificada na vida das pessoas “desde o mais simples gesto de abrir a porta de casa até o mais complexo ato de investigar o funcionamento do cérebro humano. Ninguém mais pode ignorar esse admirável novo espaço da comunicação digital” (*ibidem*).

Dessa forma, a incorporação de novos gêneros e de novos suportes à prática pedagógica de professores que trabalham com língua(gem) parece-nos uma possibilidade que contempla interesses e conhecimentos partilhados e que pode amenizar os aspectos mencionados. Em frente a tudo isso, é possível afirmar ainda que os desafios propostos remetem ao desenvolvimento da habilidade formativa, questionadora e criativa.

É quase lugar-comum observar que os benefícios da Internet são muitos e, mais do que isso, seus efeitos são intensos e irreversíveis. Não cabe mais questionar, criticar ou resistir aos seus “tentáculos”; cabe-nos, sim, procurar meios e estratégias para utilizar a rede na educação, de modo a aproveitar ao máximo seus benefícios. Não procede também dizer que as escolas estão pouco equipadas e que nem todos os alunos têm acesso às novas tecnologias, pois, independentemente das condições precárias, ou não, das escolas, nossas crianças e adolescentes foram conquistados pelo mundo digital. Essa é uma razão maior para que busquemos estreitar nossos conhecimentos com esse meio, procurando modificar antigas práticas

pedagógicas, a fim de que possamos nos aliar com mais segurança às *artimanhas* tecnológicas, desmistificando afirmações segundo as quais a tecnologia pode substituir o professor. Contrariando tal crença, estudos têm evidenciado não haver riscos de os professores serem substituídos pelos computadores, mas há consenso de que aqueles que souberem usar essas máquinas terão mais campo de trabalho.

YOUTUBE®: UM SUPORTE PARA MUITOS GÊNEROS

Segundo a Wikipédia,³ o YouTube® “é um *site* na Internet que permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital. Foi fundado em fevereiro de 2005 por três pioneiros de um famoso *site* da Internet ligado a gerenciamento de doações”. Com cerca de dois anos de existência, o *site* www.youtube.com popularizou-se tão rapidamente, que foi eleito, em 2006, a melhor invenção do ano “por criar uma nova forma para milhões de pessoas se entreterem, se educarem e se chocarem de uma maneira como nunca foi vista” (G1, 2006). Tanta informação e entretenimento são oferecidos em um *site* que utiliza o formato Macromedia Flash⁴ para disponibilizar o conteúdo. Ainda segundo a Wikipédia,

O *YouTube*® é o mais popular site do tipo (com mais de 50% do mercado em 2006) devido à possibilidade de hospedar quaisquer vídeos (exceto materiais protegidos por *copyright*, apesar deste material ser encontrado em abundância no sistema). Hospeda uma grande variedade de filmes, videoclipes e materiais caseiros. O material encontrado no *YouTube*® pode ser disponibilizado em *blogs* e sites pessoais através de mecanismos desenvolvidos pelo site.

³ A Wikipédia é uma enciclopédia multilíngüe *on-line* livre, cujos verbetes são formulados colaborativamente por internautas e recebem contínuas revisões e avaliações quanto a seu grau de confiabilidade. A página em português está disponível na seguinte URL: <http://pt.wikipedia.org/wiki>

⁴ *Macromedia Flash* ou *Adobe Flash*, ou simplesmente *Flash*, é um *software* primariamente de gráfico vetorial – apesar de suportar imagens bitmap e vídeos – utilizado geralmente para a criação de animações interativas que funcionam embarcadas num navegador *web* (Wikipédia, 2007).

Diariamente são colocados, à disposição dos internautas, milhares de novos vídeos para serem assistidos. As regras para *upload*⁵ são simples. O arquivo de vídeo tem de ter um tamanho de até 100 MB ou duração de 10 minutos, e o usuário deve ser cadastrado no *YouTube*[®]. Tamanhas acessibilidade e disponibilidade de interação por parte dos usuários encontram-se entre os fatores que despertam o fascínio dos internautas. Por esses motivos, acreditamos que um professor sintonizado com as discussões atuais acerca do ensino de língua(gem) e dos pressupostos dos documentos oficiais (PCN) não pode deixar que continuem passando, ao largo da escola, “práticas linguageiras” (Motta-Roth, 2006) existentes na sociedade contemporânea, como os diferentes gêneros utilizados na rede e no *site* em questão.



Figura 1 – Interface inicial do *YouTube*[®].

⁵ Ato de transmitir informações do computador do emissor ao computador do receptor. Neste caso, trata-se do envio do arquivo de vídeo do computador do usuário à rede do *YouTube*[®].

Uma análise mais detalhada da página do YouTube® apontaria inúmeros outros recursos semióticos e lingüísticos passíveis de análise, mas, entre a vasta gama de gêneros (cf. Araújo, 2007) que a integram, um deles ganha maior força: o vídeo. Sabemos que a delimitação desse gênero é uma tarefa árdua, a qual demandaria um trabalho de análise longo e complexo, no entanto, nosso objetivo não é esquadriñar e esgotar as possibilidades desse gênero, nem desse suporte. Limitar-nos-emos, dessa forma, a uma breve contextualização do YouTube® na próxima seção.

VÍDEO DISPONIBILIZADO NO YOUTUBE: UMA NOVA POSSIBILIDADE, UM CONCEITO E UMA SUGESTÃO METODOLÓGICA

A idéia de desenvolver uma proposta didática que envolvesse tecnologia e ensino de línguas surgiu-nos de uma inquietação e do desafio de auxiliarmos acadêmicos do curso de Letras e mesmo professores em atuação a explorarem didaticamente um material disponibilizado na via eletrônica. O plano concretizou-se a partir de um convite da Coordenação do Curso de Letras da UNIJUÍ dirigido ao nosso projeto de Extensão *O ensino de línguas e a resignificação da prática docente*, para que propuséssemos uma oficina dinâmica e atrativa no evento denominado *Profissional do Futuro*.⁶ Foi pensando nesse *profissional do futuro*, o qual desejamos formar, que nos sentimos instigados a dar início à proposta descrita neste artigo.

Inicialmente, realizamos uma pesquisa a fim de mapear possíveis materiais que dessem suporte a nossa proposta. Os recursos encontrados foram poucos. O resultado de nossa busca evidenciou que os trabalhos realizados com vídeos e disponibilizados na rede geralmente constituem opção de atividade com EAD – educação a distância (Caetano; Falkembach, 2007).

Caetano e Falkembach (idem) apontam diversos aspectos (afetivos-cognitivos-pedagógicos) favoráveis ao uso do vídeo em sala de aula. Entre eles, destacamos o fato de o vídeo ser considerado

⁶ *Profissional do Futuro* é um evento em que a Universidade abre suas portas à comunidade, especialmente aos alunos de ensino médio que estejam na iminência de prestar vestibular. Seu objetivo é apresentação dos cursos, infraestrutura e professores, prestação de esclarecimentos sobre as particularidades de cada curso etc., com a finalidade de orientar os vestibulandos quanto à escolha profissional, entre outros aspectos. Nesse dia, são realizadas oficinas temáticas, nas quais cada curso expõe aspectos das atividades que desenvolva e julgue relevantes.

um meio de comunicação contemporâneo, que integra diferentes linguagens em si e permite “brincar” com a realidade e mostrá-la onde seja necessário ou desejável. Particularmente o vídeo disponibilizado na rede pelo *site* YouTube® agrega ainda mais linguagens e mídias. Segundo Carneiro (2001 apud Caetano; Falkembach, 2007, p.3), “quando se utilizam várias mídias, conseguem-se abordagens diferentes, representações diferentes e focos diferentes. E com isso a aprendizagem é potencializada”. Para tanto, é necessário que professores dispostos a aceitarem o desafio de um trabalho nessa área tenham conhecimento de que

[...] o vídeo está cada vez mais presente no cotidiano das escolas em todos os níveis de ensino. Se na abrangência deste trabalho não pensamos em propor uma normatização ao seu uso, pelo menos concordamos em que o professor que o utiliza, precisa entender um pouco das linguagens do cinema, da televisão, do vídeo, do modo a usá-lo com criticidade. Muitas vezes essas questões não estão explícitas e muito ainda precisamos saber sobre o universo de influência deste recurso e desta linguagem, sobretudo imagética. (Lima, 2002 apud Caetano; Falkembach, 2007 p. 3).

Concordamos com a análise de ser necessário que o professor procure capacitar-se. Mesmo que suas práticas não evoluam tão rapidamente quanto a tecnologia, é forçoso que ele se desafie e se arrisque, não ficando “parado” no tempo. Não há dúvida quanto ao fato de existir interesse, por parte de muitos educadores, em trabalhar com essas novas ferramentas em sala de aula, no entanto, faltam-lhes embasamento teórico-metodológico e certa dose de ousadia para que isso se realize. Entendemos que, em pleno século XXI, o professor precisa conhecer o potencial das mídias existentes na rede e poder manipulá-las qualificadamente, possibilitando que estas trabalhem a seu favor e a favor de uma aprendizagem agradável e significativa para os alunos.

O “hiato” entre analfabetismo e letramento digitais pode ser diminuído a partir do momento em que o assunto passe a fazer parte de discussões e estudos cujo intuito seja produzir subsídios para amenizar esse abismo entre aqueles que sabem utilizar a tecnologia e aqueles que não o sabem (cf. Araújo; Biasi-Rodrigues, 2005). Há, de certa forma, um contraste em nossa sociedade, na qual o sentimento

de euforia de alguns profissionais da área educacional convive com o descaso de outros.

Com o objetivo de auxiliar esses profissionais, apresentamos, a seguir, a proposta de transposição didática realizada a partir de um vídeo disponibilizado no YouTube®. Para tanto, nos filiamos, basicamente, ao modelo socioretórico de análise de gênero desenvolvido por Carvalho (2005, p. 137). As regularidades de forma e conteúdo do texto/vídeo do YouTube®, bem como práticas de produção/recepção de textos desse tipo, pautaram o trabalho desenvolvido segundo nossa proposta.

O vídeo selecionado para o desenvolvimento da atividade realizada no evento Profissional do Futuro (com alunos do ensino médio) intitula-se *A Revolta da Vogal I*.⁷ A escolha deveu-se ao tom



Figura 2 – Interface do YouTube® em que aparece uma das primeiras cenas do vídeo utilizado.

⁷ Dadas as limitações do texto impresso, segue, em anexo, a transcrição do texto verbal que integra o vídeo, para uma breve contextualização da temática abordada. O vídeo está disponível no endereço <http://br.youtube.com/watch?v=ls3moTcWy3E>.

humorístico e até mesmo irônico da comediante ao encenar o esquete⁸ que deu origem ao vídeo, o que parece fornecer excelente material para leitura e reflexão acerca de alguns aspectos da língua portuguesa.

Ao elaborarmos a proposta didática, consideramos o público-alvo e o tempo disponível para aplicação do projeto. Já em sua primeira versão, alguns aspectos sobressaíram-se, como: a) características verbais e visuais do gênero em questão; b) diferentes linguagens envolvidas; c) uso criativo de alguns recursos do funcionamento da língua portuguesa; d) recursos e efeitos de humor; e e) ricas possibilidades de propostas de produção textual.

Aspectos ligados ao uso da informática não foram privilegiados nessa proposta, porque não conhecíamos o público-alvo com quem dialogaríamos durante o processo, embora saibamos que, em contextos de ensino de língua portuguesa, tais conteúdos poderiam, também, ser abordados. Como o caráter da proposta exigia dinamicidade (sua oficina previa apenas 30 minutos para execução), uma versão do trabalho com esse vídeo obedeceu ao planejamento que segue.

OFICINA

Do YouTube® à sala de aula: uma possibilidade de trabalho com a língua materna

Público-alvo: alunos do ensino médio

Duração aproximada: 30 minutos

Metodologia (etapas da oficina)

a) Mobilização para a leitura do texto

1) Questionar os alunos sobre a expectativa quanto à oficina. (O que os atraiu para a atividade? O que esperam? Questionar se têm acesso à Internet, se conhecem o YouTube®).

2) Justificar brevemente a escolha do gênero: vídeo (esquete filmado e disponibilizado na rede).

3) Mostrar/comentar o suporte: página do YouTube® – itinerário e percurso para acesso ao vídeo; características, propósitos e circulação do gênero em questão.

4) Reapresentar o nome do vídeo (*A revolta da vogal I*) e discutir sua origem, autoria e a partir disso:

⁸ Pequena seqüência cômica.

a) questionar sobre as possibilidades de tematização: do que vai tratar?

(anotar sugestões para, com a exibição do vídeo, cotejá-las);

b) exibir o vídeo e perguntar qual problema apresentado;

c) indagar qual a possível intenção do autor ao produzir esse vídeo.

(Após, dar continuidade às questões de leitura.)

b) Atividades de leitura

1) Que relação este vídeo pode ter com uma aula de língua portuguesa?

2) O que o vídeo problematiza? Quais as desvantagens, segundo o texto, de ser a letra 'i' no Brasil? Em outras línguas, quais as desvantagens apontadas pela protagonista? Em que 'conteúdos' da gramática tradicional são tratadas questões como essa, na escola?

3) Tendo em vista o posicionamento da personagem e os argumentos utilizados, qual seria a saída menos dolorosa para que a letra 'i' ficasse mais satisfeita?

4) Comparando-se a vogal 'i' às outras vogais, pode-se dizer que ela carrega aspectos negativos das construções lingüísticas produzidas na língua portuguesa? Justifique e comprove com passagens do texto.

5) Para além do texto, que outros aspectos vantajosos, ou não, estariam ligadas à vogal 'i'?

5) Como você entende a passagem verbal "... não estou a fim de me vender a esse ponto!?" Que sentimentos/posturas estão implícitos nessa fala?

c) Produção textual

(Recortar as propostas em tiras e distribuir uma a cada dupla/grupo para que produzam o texto solicitado. Finalizar, no grande grupo, socializando, avaliando e comentado a adequação das propostas. Pode-se ainda desafiar os alunos a transformar seus trabalhos em vídeos, para circular em sites do tipo YouTube®.)

1) Elaborar uma paródia do texto, descrevendo, sob a ótica de *outra vogal*, a vantagem de ser ela mesma.

- 2) Produzir um texto, nos mesmos moldes do apresentado, em que uma *consoante* se vanglorie de suas vantagens em relação às vogais, destacando suas supostas superioridade e relevância.
- 3) Criar um texto semelhante ao trabalhado, em que a *letra 'h'* lamente-se e reclame do pouco caso que as demais consoantes fazem dela e de sua inutilidade em algumas circunstâncias.
- 4) Construir e apresentar um esquete em que os *acentos/sinais gráficos em risco de extinção pela reforma ortográfica* rebelem-se contra ela, argumentando pela sua manutenção na língua brasileira.
- 5) Pôr a imaginação a funcionar e produzir um texto bem-humorado, nos moldes do vídeo, em que a *letra 'w'* reclame do excesso de trabalho depois do advento da Internet, na qual todos os *sites* vêm antecidos de *www*.
- 6) Criar um texto em que a vogal 'a' exiba-se de seu *status* na era digital, em que ascendeu a '@'.

A partir dessa atividade, entendemos que o aluno de ensino médio pôde ter uma real noção de que aprender língua portuguesa pode incluir aspectos presentes em seu dia-a-dia, como foi o caso do vídeo explorado. Esse foi apenas um entre tantos gêneros com os quais nos deparamos em nosso cotidiano, e que podem ser levados para a sala de aula de línguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que o trabalho realizado com diferentes gêneros, em contextos de ensino, exige do professor uma dedicação ímpar. Além disso, ao trabalhar com gêneros digitais, o papel do educador muitas vezes deixa de ser hegemônico em frente à classe e é permeado pelo constante medo de errar, pois, muitas vezes, os alunos sabem mais do que o próprio professor sobre assuntos ligados à tecnologia e à Internet.

Esse é justamente um dos argumentos que pode ser usado favoravelmente ao ensino aliado à tecnologia e às diferentes mídias: a possibilidade de tornar o aluno mais autônomo e participativo no seu processo de aprendizagem. Acreditamos que o professor pode (e deve!) lançar mão de estratégias como o uso de *sítese* / ou ferramentas tecnológicas que atendam à curiosidade de seus alunos na busca

constante do saber, ao mesmo tempo em que desenvolve competências e habilidades nas diferentes dimensões do ensino de língua(gem). Ao possibilitar que os educandos colaborem na pesquisa, na elaboração das atividades e no ato da avaliação, entre outros, o professor estará contribuindo ao efetivo letramento de seus alunos e criando as condições necessárias para ascender ao *status* de co-autor de sua aprendizagem, além de abrir sua sala de aula para o mundo.

A atividade com vídeo/imagens em sala de aula também permite ao professor trabalhar com aspectos ligados ao uso autêntico da língua. A esse respeito, Dionísio (2005, p. 160) ressalta que

[...] representação e imagens não são meramente formas de expressão para divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa.

Sem dúvida, vídeos, como o trabalhado na oficina, estão disponíveis na Internet em quantidade e qualidades a escolher. Como bem observa Dionísio (*ibid.*), eles são instrumentos que revelam nossa relação com a sociedade, que carregam sentidos e promovem diálogos com nossas representações. Cabe, ao professor de língua(gem), desafiar-se a fazer uso desse importante instrumento, por meio de uma leitura crítica e do estabelecimento de um diálogo real e sincero, a fim de diminuir o “não-letramento” de seus alunos, bem como o seu próprio em aspectos ligados ao uso e manuseio das TICs, materializadas pelo uso da língua. Compete a ele também explorar, junto a seus alunos, as ‘nuanças’ da Internet quanto à qualidade dos materiais nela encontrados e dos modos para avaliá-los. Assim, tanto o aluno quanto o próprio professor estarão aprendendo a realmente selecionar as informações que este valioso veículo oferece (Kurtz, 2004).

Por fim, sabemos que o trabalho com vídeo/Internet/TICs não será fácil nem apresentará soluções para os problemas existentes em contextos de ensino. Há o risco da não-aceitação, das limitações materiais para a realização da atividade, do erro; contudo, o professor deve acreditar em seu trabalho e desenvolver ações com foco não só nos resultados, mas principalmente no processo ensino/

aprendizagem. É importante que, enquanto educadores, entendamos e exploremos a tecnologia com nossos alunos, analisando-a como elemento que facilita ou dificulta o acesso ao conhecimento e ao poder social. O resultado será a aprendizagem significativa dos educandos e de todos os envolvidos no processo, pois quem ensina também aprende, desde que se predisponha a tal.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Org.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 1997.

CAETANO, Saulo Vicente N.; FALKEMBACH, Gilse A. Morgental. *YOU TUBE: uma opção para uso do vídeo na EAD*. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/3aSaulo.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2007.

CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 130-149.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, Acir Mario et al. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas/União da Vitória: Kayganague, 2005, p. 159-177.

KURTZ, Fabiana Diniz. *Uma análise de gênero em artigos eletrônicos de Lingüística Aplicada com foco em tópicos e procedimentos de pesquisa*. 2004. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

MACHADO, Irene. *Gêneros digitais e suas fronteiras na cultura tecnológica*. Disponível em: <www.ppgte.cefetpr.br/revista/vol6/artigos/art08vol06.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Apresentação: interação na Internet. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Org.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MOTTA-ROTH, Désirée. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais. *Linguagem em (Dis)curso: gêneros textuais e ensino-aprendizagem*, Tubarão, v.6, n.3, p.495-517, dez. 2006.

G1/TECNOLOGIA. *Conheça as melhores invenções tecnológicas de 2006*. São Paulo, 27 de nov. 2006. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,AA1365106-6174,00.html>>. Acesso em: 16 nov. 2007.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 16 nov. 2007.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Org.). *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.133-148.

YOUTUBE. Disponível em: <www.youtube.com.br>. Acesso em: 16 nov. 2007.

Recebido em fevereiro de 2008
e aceito em julho de 2008.

Title: *Internet and language teaching: an activity using a YouTube® video*

Abstract: *This article is based on the extracurricular project "Language Teaching and the Re-signification of Teaching Practice", undertaken by a group of professors from UNIJUI Language Course, since 2006. It is a theoretical and methodological reflection regarding the use of new information and communication technologies (ICT) in the language classroom given that access to technological goods may represent social and professional insertion. This reflection is based on a didactic activity, which was created for a workshop conducted with high school students, using a video released at the YouTube® website. It is important that, as language teachers and educators, we understand and explore, along with our students, how technology may be used as a facilitating element to knowledge and social power. We believe that the use of the Web may bring important results for both students and teachers.*

Keywords: *language teaching; information/communication technologies; methodology; YouTube®.*

ANEXO

Transcrição do texto oral presente no vídeo *A Revolta da Vogal I*

Oi, eu sou um I!

E, como I que sou, a nível de vogal que sempre serei, me sinto injustiçada e revoltada!

Por que é que, de todo o alfabeto, só nós temos que carregar essa bolinha ridícula?

Não quero mais usar...

É por isso que, na próxima encadernação, eu quero vir letra A.

É, porque o A pode usar todos os acentos que quiser.

Vira pra lá é crase, vira pra cá é acento agudo, pega um resfriado põe um chapeuzinho, quer dá um lance, põe um til, fica toda tchan...

Agora então, que ela virou símbolo mundial da Internet, tá toda @, toda boba.

Letra metida!

Muito difícil a convivência aqui neste alfabeto.

É por isso que eu estou de malas prontas para abandonar a língua portuguesa.

Eu... tava pensando então de ir pros EUA.

Só que lá, pra você tirar som de I, só sendo Y.

Eu também não tô a fim de me vender a esse ponto!?

Aí o 'O', que é 'UÓ!', ele sugeriu que eu fosse pra Alemanha.

Mas gente, lá tem trema, já imaginou se, ao invés de uma, eu tiver de carregar duas bolinhas?

Então não sei?!?!?

Porque, se eu ficar aqui, qual vai ser o meu futuro?

Virar diminutivo na boca desses casaizinhos melosos nhinhinhi nhinhinhi

Se, pelo menos na hora da sacanagem, eles me usassem, mas não, eles usam todas as vogais... aaaaaaaa!!

Hehehe!!!

Ahhhhh!!!

Uhhhhhhh!!!

Quando fala ihhhhhh

É porque o cara, ó?!

Poxa, sabe, eu também não quero morar nessas siglas antipáticas tipo IPTU, ICMS, IIR...

Então, agora eu vou me embora, e vocês vão ver como é difícil ficar sem o I.

Nunca mais vocês vão poder fazer xixi!

Só cocô.

Também nunca mais vão poder se cumprimentar dizendo 'Oi, como vai'?!?

Só vão poder se despedir como eu estou fazendo agora, dizendo:

Até logo, bye bye, tchau tchau...

